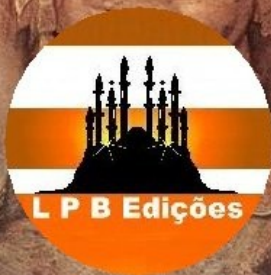


PIADAS ADULTAS

L P Baçan



PIADAS ADULTAS

Compiladas e reescritas por L P Baçan

Copyright © 2017 L P Baçan

Todos os direitos reservados.

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido ou usado de qualquer outra forma nem divulgado sem a expressa autorização do autor, exceto o uso de partes para referência ou comentários.

Venda Proibida

L P B Edições

Londrina – PR

2017

PIADAS ADULTAS

Ludus est necessarius ad conversationem humanae vitae (O humor é necessário para a vida humana).

Algumas teorias procuram explicar o sentido do humor, mas uma coisa prevalece: o humor diverte, critica, ironiza, afasta tristezas e problemas e faz bem à alma. O humor aproxima das pessoas, tanto quanto desmedidamente pode afastá-las. Uma gozação, uma trolagem ou uma piada pode fazer rir ou provocar ira, que normalmente resulta em um troco, engrossando, com isso, o rol das anedotas, que vão circulando, ampliando-se, modificando-se, adaptando-se, mantendo uma atualidade constante e divertida.

As piadas adultas ou picantes são um caso à parte, pois em sua maioria brincam com temas delicados,

transformando problemas em riso, situações delicadas em superação.

As piadas aqui compiladas e reescritas circulam anonimamente pela Internet, despertando uma curiosidade que é de muitos: quem escreveu originalmente ou quem a adaptou?

PIADAS ADULTAS

Para início de conversa, vamos contar o que aconteceu quando o capiau levou a mulher ao ginecologista.

Ciumento como ele só, não deixou que a mulher fosse sozinha porque ele sabia que iria fazer um exame íntimo.

— E, então, dona Mariquinha — perguntou o médico ao iniciar a consulta. — A senhora tem urinado com abundância?

A mulher ficou toda vermelha, encolheu os ombros e deu um risinho amarelo. E o capiau respondeu mais que depressa:

— Não, seu doutor. Ela tem urinado com a bucetância mesmo...

* * *

O Manuel vivia cantando aquela mulatona que morava na esquina. Era um mulherão e tinha aquela cor de chocolate e costumava usar umas saínhas demasiadamente curtas que lhe deixavam até a coxa à mostra. E umas blusinhas justinhas e decotadas que mal escondiam os dois seios que mais pareciam melões, com os biquinhos quase furando o tecido.

— Como é — dizia ele, sempre que encontrava com a mulata. — Quer dormir comigo esta noite?

A mulata era superescolada. Pensa que dava alguma bronca? Não dava não. Dava um sorrisinho e respondia:

— O senhor não toma jeito, hem, seu Manuel?

Assim ia passando o tempo e o Manuel nada de desistir. Queria a todo custo dormir com o mulherão.

Natal. Época em que todos os corações amolecem e a mulata, ao cruzar com o português, sorriu-lhe e antes que ele pudesse lhe passar a "cantada", ela foi logo dizendo:

— Como é, seu Manuel? Vamos dormir juntos esta noite?

E o Manuel, coçando a cabeça, com ar desanimado:
— Logo hoje que quer dormir comigo estou sem sono.

* * *

Eram duas irmãs que faziam o maior sucesso. Eram mesmo arroz de festa. Mas faziam um sucesso tremendo. Moravam num duplex num luxuoso prédio de apartamentos nos Jardins.

Um repórter de TV, desses que caçam notícias para esses apresentadores de programas de fofocas, começou a ficar intrigado com aquela presença marcante em todas as festas, coquetéis, etc. Bisbilhotou e descobriu onde a mãe delas morava. Era uma casinha bem humilde lá na Vila Carrão,

Uma tarde, o repórter foi até lá. Bateu palmas no portão e apareceu, logo depois, na porta da varanda, uma senhora idosa e muito simpática.

— Boa tarde, minha senhora! A senhora que é a mãe da Naná e da Dadá?

— Sim, senhor!

O repórter disse que queria entrevistá-la a respeito das suas duas filhas famosas.

A boa senhora mandou que o repórter entrasse. Como estava muito calor, ofereceu-lhe uma limonada. E entre um gole e outro, o repórter foi entrevistando a velhinha.

— A senhora poderia me dizer a que atribui o sucesso de suas duas filhas?

— Elas pode, não é, moço?... Elas podem...

— É... Elas são muito bonitas. Também têm um belo corpo, mas porque é que, tendo nascido num lugar tão pobre, tão humilde, elas vivem nas colunas sociais, são presenças constantes nos programas de televisão?

— É que elas podem. Elas podem — respondia a velhinha.

— Mas, na verdade, elas não são modelos nem atrizes, mas vivem num duplex e cheias de jóias caríssimas. A senhora saberia me explicar por quê?

— É porque elas podem. Eu já estou dizendo, elas podem.

O repórter acabou se desanimando porque não conseguia arrancar nada além daquele "elas podem, elas podem". Desistiu. Agradeceu a limonada e despediu-se da velhinha. Ela o acompanhou até o portão.

— Tchau, minha senhora!

E a velhinha:

— Até logo, meu pilho!

* * *

Faziam duas semanas que aquela loura estava posando nua para o "Dá Vinte". E ele só ali, concentrado no seu trabalho. Até que ela não agüentou mais. Chegou até o artista e, quase encostando os bicos dos seios pontiagudos

na cada do pintor, que era mais baixo do que ela, foi dizendo:

— Você está me pintando há quinze dias e me paga cem reais por dia. Acho que está na hora de me "pintar", não acha?

* * *

Aquele mesmo repórter que foi entrevistar a mãe daquelas duas "meninas" foi entrevistar o dono de um puteiro. Era um daqueles portugueses de bigodes retorcidos.

— Como é, seu Joaquim. A que atribui o sucesso de sua casa? Sei que ela está sempre cheia de clientes.

— É a diversidade de nossos serviços. Somos a mais completa casa da cidade. Aqui tem mulheres para todos os gostos. Quem quiser uma mulata, tem. Quem quiser uma loira, tem. Quem quer uma ruiva, tem. E todas de primeira e que fazem a vontade do freguês. E até quem quiser um travesti, tem. Aqui não falta nada!

— Então é um negócio altamente rendoso?

— Pois, pois. Não tenho com que me queixar. Mas não foi sempre assim. No começo o negócio foi duro. Duro mesmo.

— Por que, seu Joaquim?

— Imagina o senhor que, no começo, éramos apenas três: minha mulher, minha filha e eu...

* * *

O cara estava tarado para pegar uma mulher. Há meses que não trepava e já estava em ponto de bala. No dia do pagamento, olha ele indo em direção da Boca do Lixo. Andou pra lá, andou pra cá, mas não via nenhuma mulher. O que será que estava acontecendo? A mulherada sumiu da zona. E o pobrezinho ali, duro de fazer dó. Recebera o pagamento e estava na pior. Eis que, de repente, milagre... aparece uma loira na esquina, de bolsinha. Pára junto a uma parede e encosta o pé esquerdo, com o salto alto, na parede.

Aquela atitude bem clássica de mulherio que fatura seu corpo, quando está à espera de cliente.

Só que o garotão, ao vê-la, amoleceu todo. Isto é, amoleceu o corpo porque era muito tímido e faltava-lhe coragem para abordar a loira. Era muita areia para o seu caminhão.

Ele ficou ali, parado, olho comprido na mulher que deixava à vista grande parte da coxa esquerda, devido a sua posição. Mas ela, vendo que o garoto estava a fim, olhou-o e sorriu. E ele nada de ir aborda-la. Tremia mais que vara verde. Então a mulher deu aquela de ir devagarzinho de encontro ao cliente. Gingando-se toda, ela foi chegando, chegando.

— Como é, queridinho, vamos fazer um nenê?...

Ele foi ao céu e voltou. E os dois caminharam até o hoteleco, onde a mulher tinha um quarto. Subiram a escada e atravessaram um longo corredor cheio de portas. Embora não sendo hospital, através das portas ouviam-se os maiores gemidos.

No quarto, ele tirou depressa a roupa e depois fez questão de ir despindo-a lentamente.

Na cama, ele nem sabia o que fazer com a mulher. Era mesmo fenomenal, com uma bunda como ele só via naquelas bailarinas de televisão.

— Como você está com as mãos frias! — exclamou ela. — Coloque-as entre minhas coxas para esquentá-las.

E ele, mais que depressa:

— Não quer ver se as minhas orelhas também não estão frias?

* * *

Correu o boato de que havia chegado uma nova puta na zona. O cara que era o maior putanheiro do local, mais que depressa quis conhecê-la.

Era realmente uma garota gostosa. Sobre o corpo estonteante, vestia somente uma camisola finíssima que servia para dar mais tesão aos clientes.

O cara foi pro quarto. Ficou duas horas. Eram só gemidos e gritos dele que se ouviam. Quando saiu de lá, ele estava completamente zozzo. E a dona do bordel chegou para saber a opinião dele, que lhe era extremamente importante. Afinal, era um expert no assunto, e seu melhor cliente.

— Então, o que achou da novata?

E ele:

— Uma puta profissional!

* * *

A garota guardou dinheiro o ano todo, para que, nas férias, pudesse viajar pro Rio. Queria se esbaldar. Afinal, lá ninguém a conhecia e podia farrear até não mais agüentar. E dia após dia, semana após semana, mês após mês, a mocinha ia economizando centavo a centavo. E no Carnaval do ano seguinte, tirou as almejadas férias e voou para o Rio de Janeiro. Ali encontrou o que sempre havia sonhado.

Transava com quatro ou cinco homens por dia, e não passava uma só noite sozinha. Afinal, não era conhecida de ninguém.

Depois de 25 dias, olha lá ela voltando para sua pacata cidadezinha do interior, onde era a flor das virtudes.

Ao sentar-se no avião, ela bateu nos dois joelhos, que estavam juntinhos, e disse:

— Finalmente, vocês se encontram de novo!

* * *

Tem aquela "cantada" que é mais velha do que promessa de político em palanque. Mas que sempre da certo. A cantada, não o político.

Pois é, o sujeito da nossa história usava exatamente essa "cantada". Outro dia, abordou uma garota e perguntou-lhe:

— Estou lá com uma bela coleção de CD (ele havia se atualizado, não falava mais disco e sim CD). Não quer ir até o meu apartamento para ouvi-los?

A garota, que tinha PHD da malandragem, nem se ligou. E perguntou com um sorriso cínico:

— E se eu não gostar?

E o cara emendou mais que depressa:

— Bem, se você não gostar, não tem problema: veste sua calcinha e vai embora.

* * *

Tem aquela da putona e do padreco.

Pois é, a putona de fechar o comércio entrou gingando-se toda e procurou o padre lá na sacristia que, ao vê-la, fez o sinal da cruz.

— Seu padre, não sei o que devo fazer para não ir para o inferno.

O padre, que não tirava o olho do material ali a sua frente, falou com a cara mais safada deste mundo:

— Muito simples: é só você me impedir de ir pro céu...

* * *

O japa chegou na zona e procurou a puta mais engraçadinha.

— Quanto, né? — perguntou.

— Cem reais — respondeu a garota. — Mas sou de primeira, como você pode ver.

Realmente o japa ficou de queixo caído e pintinho duro ao material peladinho a sua frente.

— Depois zapon volta, né? — disse ele, fazendo uma reverência e indo embora.

— Que cara mais estranho — disse a putinha engraçadinha para si mesma. — Pergunta preço e vai embora, dizendo que depois volta. Com certeza foi buscar dinheiro.

Três horas depois, olha o japa de volta:

— Zapon aceita oferta. Mas tem que ser apartamento zapon, né?

— Tudo bem!

E foram os dois pro apartamento do japa, na Bela Vista. Entraram no quarto. A putinha engraçadinha imaginou que o japa daria uma fodinha de cinco minutos com seu pintinho e ela faturaria cem pratas na maior moleza.

Os dois deitaram na cama e o japa não se fez de rogado: meteu o que tinha direito. Depois de gozar, levantou-se, fez três exercícios respiratórios, bateu no peito. Em seguida, deu um pulo e caiu de pé no meio do quarto, fez três exercícios respiratórios, montou na putinha e trepou como se há um mês não via mulher. Depois de gozar, fez três exercícios respiratórios, se atirou no chão, rolou pra debaixo da cama, saiu do outro lado. E com o pau tão duro quanto quando comeu a putinha engraçadinha a primeira vez e gozou novamente. Terminada a trepada, o japa tornou

a pular da cama, fez três vezes o exercício respiratório, rolou para debaixo da cama e saiu do outro lado com o pau tão duro como da última vez. Enfiou na bucinha já encharcada de porra. E assim foi. Lá pela décima vez, quem precisou fazer exercício foi a putinha engraçadinha, que já estava um bagaço, e o japa em forma como se ainda não tivesse dado nenhuma foda. Ela repetiu todo o ritual do japa e rolou pra debaixo da cama e olha o que ela viu lá: mais de vinte japoneses, esperando sua vez...

* * *

O cara tinha medo de pegar AIDS e, por isso, resolveu comprar uma boneca inflável.

Levou-a para o apartamento e trepou gostoso com ela. Ficou mesmo maravilhado com a tecnologia moderna. Os seios pareciam verdadeiros. E o que dizer da bucinha? Era tão natural como aquela com que trepara há mais de um ano.

Só que ele não falava nada para os amigos, que sempre perguntavam:

— Você não tem mulher? Não namora? Não trepa?

E ele se saía sempre com um sorriso amarelo.

Um de seus amigos, intrigado com aquele procedimento, resolveu decifrar o mistério.

Consegui uma chave-mestra, abriu a porta do apartamento do amigo, numa hora que sabia que ele não estava em casa. E viu aquela maravilhosa boneca deitada na cama.

— Ah, então é por isso! O malandro se vira com esta boneca!

Excitado com a perfeição da boneca, ele a ligou na tomada e ela começou a fazer todos os movimentos que faria uma mulher.

Fodeu-a gostosamente. Depois limpou a porra para que o amigo não descobrisse que havia sido corneado.

Alguns dias depois, o dono da boneca inflável foi visitar a loja onde a comprara. O vendedor, reconhecendo-o, perguntou-lhe:

— Como é? O senhor gostou da mercadoria?

— Mais ou menos.

— Como mais ou menos? O senhor não achou o desempenho da boneca como se ela fosse uma mulher real?

— Achei. E o desempenho foi tão real que até apanhei uma gonorréia...

* * *

A moça era a maior galinha da paróquia. Já havia fodido com todos os rapazes do bairro. Era mais escolada do que qualquer puta da Boca do Lixo.

Um dia, conheceu um rapaz por quem se apaixonou e ele também lhe correspondia.

Preocupada com o seu passado, resolveu contar tudo para o noivo. Assim ficaria com a consciência tranqüila, mesmo correndo o risco de perder o noivo.

— Mas prometo, meu querido! Vou esquecer tudo. Serei uma esposa exemplar para você.

E ele, mais do que depressa:

— Nada disso! Experiência é experiência!

* * *

É um sinal dos tempos. Hoje em dia o sexo está banalizado. Não existem mais moças virgens. No passado, sim, as mocinhas eram ingênuas. Ficavam vermelhas, quando ouviam uma declaração de amor e baixavam os olhos.

— Sabe por quê? — perguntou uma senhora.

— Era porque deviam ser muito recatadas.

— Qual o quê. Queríamos conferir se era verdade.

* * *

O sujeito era magro, desajeitado e feio como ele só. Mas tinha um sucesso tremendo com as mulheres. Todas ficavam caidinhas por ele e chegavam mesmo a procurá-lo. Aquilo começou a chamar a atenção da turma da esquina que não entendia como um cara, negrão, sem nenhum atrativo, podia ser tão popular com o mulherio.

Até que, um dia, não se conformando, um deles disse aos amigos:

— Sabem, vou perguntar pra ele o motivo de tanto sucesso.

Assim falou e assim fez. Uma tarde em que o negrão estava tomando sua loirinha bem geladinha, no bar que freqüentavam, chegou pro negrão e perguntou com toda a formalidade:

— Olha, desculpe, hem? Não quero me meter na sua vida. Mas tenho reparado seu sucesso com as mulheres. Não quer me revelar seu segredo... assim, numa boa?

O negrão pensou um pouco antes de responder:

— Talvez seja devido ao meu jeito de olhar para elas.

Dizendo isso, levantou as sobrancelhas e... slarp, slurp
— alisou as duas com a língua...

* * *

Na classe de aula, a professora começou a perguntar aos alunos o que eles pretendiam ser na vida.

— Você, Diana, o que pretende estudar?

— Eu quero ser advogada, professora, para poder defender aqueles que não têm condições de pagar um advogado.

— Muito bem, Diana! Você demonstra ter bons sentimentos — E voltando-se para o Maurinho: — E você, Maurinho, o que pretende estudar?

— Veterinária, professora. Para curar bichinhos doentes.

— Ótimo, Maurinho! Isso demonstra que você é um menino de bons sentimentos. E você, Carlinhos?

— Ah, eu, professora, engenheiro. Quero me especializar em casas populares. Construir a maior quantidade, pelo menor preço, para que todos possam ter suas casas próprias.

— Estou satisfeita com vocês três. Demonstram que pensam em deixar o mundo melhor do que o encontraram.

— E voltando-se para o Julinho, "aquele" a quem ela tinha até medo de perguntar porque era o que sempre lhe aprontava: — E você, Julinho, pode nos dizer o que pretende ser quando crescer?

— Eu quero ser ginecologista, professora.

Admirada com aquela inesperada resposta, a boa professora até se emocionou. Jamais esperaria aquela resposta do Julinho e até não economizou elogios:

— Ótimo, Julinho! Meus parabéns! Então você quer ser ginecologista para poder ajudar as mães a ter seus

bebês. Com certeza é sua intenção cuidar bem das futuras mães...

E o Julinho:

— Que nada, professora, é pra ver buceta mesmo!

* * *

Dois amigos vinham caminhando tranqüilamente pela rua, quando um deles viu duas mulheres que vinham em sentido contrário:

— Santa mãe! Ali vem a minha mulher e a minha amante!

— Putz grilo! Você me tirou as palavras da boca.

* * *

O netinho educadinho foi visitar a vovozinha que morava noutra rua. Gostava de ir lá bater papo com a boa velhinha que sempre lhe ensinava as coisas. Foi através da

vovozinha que ele aprendeu uma infinidade de coisas. Naquele dia, não ia ser diferente, O netinho tinha ouvido uma palavra e estava morrendo de curiosidade para saber seu significado.

E naquela manhã, pediu para a mãe deixá-lo ir visitar a vovozinha. Subiu os degraus da casa da avó, entrou no velho e empoeirado quarto e encontrou a vovozinha sentada na sua velha cadeira de balanço, rodeada de móveis velhos sombrios e teias de aranha. O netinho chegou, tomou a bênção e começou a bater seu papinho com a vovozinha.

— Vovó, o que é amante?

A boa velhinha leva o maior susto, bate com a mão na testa e sai se arrastando até um velhíssimo guarda-roupa. Abre as duas portas e... Pimba! Cai um esqueleto lá de dentro.

* * *

Esta aconteceu num cinema. Uma senhora de bons princípios começou a ficar nervosa com o casalzinho a sua frente, que estava na maior agarrção. Aliás, nem se podia chamar aquilo de agarrção. Era somente um bolo: mão naquilo, aquilo na mão, fungação pra lá, fungação pra cá, aquela cheiração, aquela gemeção e a mulher ficando cada vez mais incomodada. A certa altura, ela não agüenta mais e fala alto, assim meio indiretamente:

— Tem gente que erra de lugar. Ao invés de vir ao cinema devia mesmo ir prum motel.

Foi quando o rapaz virou-se para trás. Carinha alegre e os olhinhos lá no fundo, falou assim pra senhora:

— Eu também acho, madame! É o que estou dizendo. Vê se convence ela pra mim, vê se convence...

* * *

Na Academia Policial, o professor pergunta pro Julinho (é aquele mesmo Julinho que, quando criança, queria ser

ginecologista, estão lembrados, mas finalmente ele foi mesmo pra Academia de Polícia):

— Se uma moça muito bonita surgisse de um terreno baldio, com as roupas todas rasgadas e lhe dissesse que tinha sido estuprada por um tarado. Que é que você faria?

E o Julinho:

— Uma imediata reconstituição do crime!

* * *

Na prova de Biologia, o velho professor volta-se para a aluna mais gostosa da classe e pergunta:

— Minha filha, dia aí: qual é o órgão do corpo humano que cresce até trezentas vezes o seu tamanho?

E a aluna, boazuda, peitinho empinado, fazendo trejeitos com a boca e passando a língua pelos lábios, como se aquela pergunta lhe trouxesse doces lembranças:

— O pênis, professor.

E o professor:

— Não seja tão otimista, minha filha. É o útero.

* * *

E agora vem a história daquele cara que tinha um pênis descomunal. Quando ia ao puteiro, nenhuma mulher gostava de ir com ele pro quarto. Assim, o cara estava ficando meio frustrado. Sabe como é, notícia ruim corre mais depressa que boa. Aliás, boa nem corre. Morre mesmo no nascedouro. Pois é, o rapaz estava encabulado. Nenhuma garota queria namorar com ele. Até o dia em que conheceu a Carla. A Carla era um monumento de mulher. E ele ao, namorando na boa. Um beijinho no pescoço, outra fungada na orelhinha e nada de mostrar seu instrumento de trabalho pra namorada.

O tempo passou, ficaram noivos e a moça, achando que tudo quando se dizia dele era balela. Ele era o cara mais bem comportado que havia namorado.

Bem, para encurtar a conversa, ficaram noivos, noivaram e nada aconteceu durante o noivado, nem uma encoxadinha. Chegou o dia do casamento. Aquela festa! Cortar bolo, jogar o buquê para as casamenteiras, aquelas coisas de festas de casamento.

Viajaram para o litoral. Hospedaram-se num hotelzinho pacato, numa praça pacata.

A moça ali, no maior tesão. E ele, no maior medo.

— Tira a roupa, bem! — pediu ele.

Ela atendeu, toda trêmula. Era um avião de mulher. Uns peitos grandes, mas empinados. Coxas grossas e sem um pelinho sequer. A vagina esta vali, peladinha como veio ao mundo.

— Agora tira a roupa você, bem — pediu ela, com voz rouca, pois queria tirar a prova e ver o tamanho da manjuba que a esperava. Aqui para nós, a zinha era taradona. Ela já sabia da fama do rapaz e começou a namorá-lo exatamente por isso. Queria ter o prazer de ser fodida por um caralho desmesurável.

Ele tirou a roupa devagarzinho. Peça por peça e, finalmente, ficou somente de ceroula. Isso mesmo, ceroula porque o negócio dele era tão grande que numa cueca samba-canção mal caberiam os bagos.

— Tira tudo, né. Bem! — pediu com voz ainda mais sumida e os olhos pregados bem ali, naquele ponto G.

Ele tirou e blá. O pau despencou até lá embaixo porque estava mole, mole.

Ela pôs as duas mãos nas faces.

Foram para a cama. Ela alisou aquele pau enorme que dobrou de tamanho quando endureceu.

— Enfia em mim, querido! Mal posso esperar.

Ela, que havia esperado mais de ano por aquele momento, estava verde de tanto tesão e vendo aquela vara bem ali a sua frente e tão dura como se fosse um pedaço de cano.

— Mais, querido... mais... — resmungava ela.

E ele atendeu sua tesuda mulherzinha. Enfiou a cabeça inteira.

— Mais, mais... — implorava ela, endoidada.

E ele empurrou um pouco mais do seu pau naquela bucinha apertadinha. E foi aquela trepação sem limites.

O tempo passou. Alguns meses mais tarde, a garota começou a tossir. E no escritório onde ela trabalhava, aconselharam-na a procurar um médico.

A mulherzinha foi com o maridinho. O médico tirou uma radiografia. Examinou-a e, meio a contragosto, disse:

— É. Sinto em dizer. Infelizmente o pulmão foi atingido...

E o homem:

— Ta vendo, bem? Eu não disse que não era pra enfiar tudo?...

* * *

Tem uma outra de casamento e lua-de-mel.

A Mariazinha era uma garota muito ninitinha. Muito boazuda. Tipo "tanajura". Você sabe como é, não sabe? Vou

explicar pros leigos: tinha um bundão daquele tipo que brasileiro gosta.

Como toda mocinha bem recatada, desse tipo virgem, namorou e o namorado mal lhe pegava na mão, noivou também numa boa, porque sua mãe sempre lhe recomendava:

— Filha, homem é um bicho porco: depois que come, não quer saber mais daquela comida, quer novidade. Por isso se guarde.

Ela se guardou. Mas os familiares perceberam que, embora o rapaz sempre a respeitasse, era do tipo meio malandrão. Por isso o seu primo, nas vésperas do casamento, chegou para a Mariazinha e disse:

— Olha, prima. Se o Armando (o cara chamava Armando) pedir para você virar, não vira, hem? Em hipótese alguma.

Ela ficou com aquilo na cabeça: "É não devo me virar, se ele pedir".

Assim aconteceu. Casaram-se, foram para a lua-de-mel. Fizeram tudo o que todos fazem na lua-de-mel. O tempo foi passando, passando e ele nunca pedindo para ela se virar.

Acabou até ficando meio ressentida com seus parentes que imaginavam que seu maridinho fosse malandrão. Mas, acontece que quem começou a ficar intrigada foi a Mariazinha. E se perguntava: "Como será do outro lado? Será mais gostoso?" O tempo passou e o desejo foi crescendo dentro dela. E lá pelo décimo mês de casados, numa noite ela se preparou toda, vestiu uma camisola finíssima que acabara de comprar, perfumou-se toda e ficou aguardando no quarto, iluminado a meia-luz, que o jogo acabasse e que o marido viesse para a cama. Quando ele chegou, ela, mais que depressa, se enroscou no seu pescoço. Lascou um beijo de língua e perguntou numa voz cheia de tesão e ansiedade:

— Benzinho, posso lhe pedir uma coisa?

— Lógico! Que é?

— Você não vai ficar brabinho com sua mulherzinha e nem me achar vulgar, como essas mulheres de rua?

— Claro que não, meu amor. Entre marido e mulher não pode haver nada que seja vulgar. Fale, o que é?

E ela, muito santinha:

— Não quer que eu me vire hoje?

— Que é isso, mulher?! Não sabe que lá pega filho?!

* * *

A garota foi se inscrever na Faculdade:

— Nome?

— Anita Valdez.

— Idade?

— Dezesete anos.

— Sexo?

— Seis vezes por semana.

* * *

O rapaz era mesmo o maior dos safados da paróquia. E a Soninha sabia bem disso, quando aceitou sair com ele.

E logo quando se encontraram:

— Sabe, Sônia... estive pensando... hoje é a nossa primeira vez que saímos juntos...

— Sim, e daí?

— Porque, então, não vamos dar uma trepadinha pra comemorar?

* * *

Dois motoqueiros se encontram. Um de moto. O outro, a pé, com braço na tipóia.

— Puxa, cara, que aconteceu?

— Quebrei o braço, olhe só...

— Quando?

— Ontem, cara. Foi assim... eu quis evitar uma criança...

— E aí... esborrachou-se no asfalto?

— Não! Caí da cama!

O capiau, daqueles bem matuto, foi passear no Rio e disseram pra ele lá na terrinha.

— Assim que chegar no Rio, pegue um carro de praça e manda o cara te levar no Leblon. Lá tem aquelas garotas de programa. São putas de classe.

Assim foi. O caipirão chegou no Rio e logo pediu pro motorista levá-lo no Leblon.

— E lá que tem aquelas garotas de programa?

— Lá mesmo — confirmou o motorista.

O motorista deixou o caipirão na esquina onde havia duas garotas de programa. Uma delas foi se chegando e ofereceu-se toda:

— Sou completa, paixão — disse ela.

Ele, mais que depressa, aceitou a oferta e foram para um hotel. O quarto era bem montado e até com certo luxo.

— Sabe, nós não somos putas — foi dizendo a menina.
— Somos garotas de programas.

— E, já me disseram. Mas falaram também que ocês fazem coisas que até o Diabo duvida.

— É lógico que fazemos — confirmou a mulher.

Todo animadão, ele foi logo pedindo:

— Olha, moça, eu quero então uma especialidade.

— Ah, então eu tenho a maior especialidade. Vamos fazer um sessenta e nove.

Os dois se jogaram na cama, em posições invertidas — ela teve que ensinar para o caipira. E foi aquela chupação sem parar.

O homem nunca tinha visto uma bucetinha tão mimosa, tão bonitinha, tão cheirozinha e mandou o linguão pra dentro dela. Enquanto do outro lado, a boquinha: glut... glut... glut... caprichava no pau do capiau. E até que ele era bem servido.

Quando os dois acabaram, ele caiu para o lado, respiração ofegante e, após um breve momento, falou:

— Ta doido, sô! É bom demais! Olha aqui, moça de programa, eu acho que num vou agüentar os outros sessenta e oito, não!

* * *

Aí, então, entrou pela porta a dentro o mais velho freqüentador daquele bordel. O velhinho entrou se arrastando, cumprimentou a cafetina e pediu sua mulher de sempre, a Carminha.

— A Carminha está ocupada — respondeu a cafetina.

Mas o velho queria a Carminha, porque queria. A cafetina tentou argumentar, dizendo que tinha outras mulheres tão boas ou até melhores do que a Carminha. Mas o velhinho:

— Não! Eu quero a Carminha!

Cansada de tanto insistir e até mesmo intrigada porque o velhinho se "amarrara" tanto na Carminha.

— O que é que ela tem que as outras não têm?

E o velhinho:

— Paciência...

* * *

— Oi, Zé! Mecê sabe quem morreu?

— Num sei não, quem foi?

— O Chico Putanheiro. O pobre morreu ontem, de gonorréia.

— De gonorréia? Simpres ou dupra?

— Simpres.

— Ah, inda bem!

* * *

A cidade era tida como um putanheiro só. Ali não havia mulher que não dava. O padre local morreu e outro tomou seu lugar. Sabedor da fama da cidade, logo no primeiro domingo ele fez um sermão, lançando um desafio:

— Será que nesta cidade não existe uma única virgem? Será, meu Deus, que o que dizem desta localidade é verdade? A pouca vergonha tomou mesmo conta de todas as mulheres da localidade. Eu queria pelo menos uma esperança, um sinal de que nem tudo está perdido!

— E as mulheres ali, tocas cabisbaixas, silenciosas.

— Um sinal. Um aviso. Será que não há nenhuma? Uma, pelo menos?!

Nada.

— Lanço o último desafio. Se houver pelo menos uma virgem nesta sala, que se levante.

E olhou até o fundo. Nada. Quando ia prosseguir, nota que lá atrás, no meio das mulheres, uma se levanta. E com uma criança nos braços.

E ele, então, fala:

— Que absurdo, minha senhora! Estou falando de virgens. Se a senhora está com uma criança nos braços, não pode ser virgem!

E a mulher respondeu:

— Ora, seu padre, uma menininha de três meses não pode ficar de pé sozinha, né?

* * *

O casalzinho, recém-casado, estava na maior bolinação no sofá. Tinham por hábito começar ali, na sala de visitas, vendo filme pornográfico na tv e depois iam para o quarto, onde terminariam tudo.

Acontece que um ladrão pulou no jardim com a intenção de entrar na casa e roubar. Mas ficou espiando toda a cena pela janela, sem ser visto. Lá pelas tantas, o cara já não agüentava mais. Pulou a janela e, de revólver em punho, foi gritando:

O casalzinho recém-casado ficou tremendo. Acabou todo o tesão.

— Quero uma corda! — gritou para a mulher. — Uma corda, rápido, antes que eu encho de chumbo a carcaça desse capiau!

O homem continuava a tremer. E o bandido ali, com aquele enorme canhão apontado para o seu peito.

— Não, seu ladrão! Não mate meu marido. Eu arrumo depressinha a corda.

E ela veio com a corda.

— Agora amarre bem amarradinho o cara aí. Bem forte. Senão eu encho a carcaça dele de chumbo.

— Não, seu ladrão, eu amarro ele depressinha.

Assim fez. Quando o homem já estava bem amarrado na cadeira, ele pediu para a mulher tirar a roupa.

— E depressinha, senão eu encho a carcaça dele de chumbo!

— Eu tiro, eu tiro, seu ladrão. Mas pelo amor de Deus, não atire nele, não!

E ela tirou o vestido, ficando somente de calcinha e sutiã.

— Agora o sutiã... senão já sabe!

— Eu tiro! Eu tiro, seu ladrão.

E a mulher tirou e os dois seiozinhos, que pareciam mais duas pêras, saltaram para fora.

— Agora, a calcinha. Se não tirar, eu...

— Eu tiro, eu tiro, seu ladrão, mas por favor, não mate meu maridinho, eu o amo muito!

E a mulher tirou a calcinha com um gesto sensual, ficando peladinha diante dos olhos esbugalhados do meliante.

— Agora, deite no sofá!

Ela obedeceu.

Aí foi a vez dele tirar a roupa. E a manjuba que ela viu fazia duas do maridinho que, amarrado à cadeira, assistia a tudo, mudo.

E foi aquela trepada. A mulher chegou a cruzar as pernas atrás dos rins do bandido.

Depois, quando tudo acabou, ele foi embora, esquecendo da sua finalidade, que era roubar.

A mulher desamarrou o marido e abraçou-a, toda chorosa.

— Aí, meu amor, como fiquei com medo que ele te matasse. Por isso fui obrigada a dar pra ele. Você viu que eu fui obrigada a trepar com ele pra que não lhe desse um tiro.

E o cara no maior emburramento. Bicão e a mulher ali, chorosa diante da atitude do marido.

— Mas você viu, querido. Eu não fiz nada que quisesse fazer. Trepei com ele pra que ele não te matasse, meu bem.

— É — respondeu o marido, emburrado: — mas não precisava mexer, né?

* * *

Aquelas duas senhoras da mais alta sociedade tomavam chã numa sofisticada casa de chá da Barão de Itapetininga. Veja o que elas conversavam:

— Nós, mulheres, somos mesmo umas eternas sacrificadas. Não sei até hoje onde está a nossa tão decantada emancipação.

— Por que diz isso, Vanessa?

— Então, veja só: eu sei que o meu marido dá seus pulinhos por aí e consegue pôr chifre nuns vinte maridos, no mínimo. Enquanto eu, dou para mais de vinte maridos e consigo pôr chifre num só.

* * *

O cara chegou no escritório ainda amarelo.

— Que aconteceu, você está tão amarelo? Foi assaltado?

— Muito pior, cara.

— Mas que aconteceu?

— Você imagina que ontem, quando cheguei em casa, encontrei a minha mulher com um cara do DOI-CODI. Dei a maior sorte. Ele não me viu.

* * *

O Juquinha já estava meio crescidinho e falou assim para a sua namoradinha:

— Sabe, Nairzinha? Eu posso dar setenta trepadas numa só noite!

— É mesmo, Juquinha?! — exclamou a garota, já imaginando a farra que poderiam fazer juntos. — Que tal você me mostrar essa sua qualidade "in loco"?

— Você topa mesmo?

— É lógico que topo! Ser comida setenta vezes numa só noite! Isso não é pra qualquer uma!

Combinaram para aquela noite.

A Nairzinha se preparou toda, num banho bem relaxante. Lavou a bucinha, perfumou-a com desodorante íntimo. Friccionou os seios durinhos. Lavou a bunda, o orifício anal. Enfim, fez uma higiene completa e, às oito horas em ponto, olha o Juquinha chegando com um champanhe.

Tomaram champanhe, depois foram para a cama.

A garota estava com um enorme tesão. Já imaginava a delícia de ser "comida" setenta vezes!

— Vamos começar com papai-mamãe — disse o Juquinha.

Depois da trepada, ele falou:

— Agora vamos fazer um sessenta e nove...

* * *

O Padilha levou a mulher pra ver um jogo de futebol. A maior mulher do mundo, um monumento. Aquela calça justinha, as costas de fora, uma blusa de seda levezinha em cima do corpo, nada por baixo, aquele cabelão! Uma mulher de endoidar frade. E aquele calorão. Tudo mundo suado, a mulher do Padilha com a pele sedosa, pingando suor. E aquele enorme tesão tomando conta de todos que se encontravam nas proximidades.

Foi juntando homem e mais homem em volta, todo mundo fazendo gracinha pra mulher do Padilha, e ela rindo

adoidada, jogando os cabelos pra trás, levantando os ombros, dando gritinhos, botando a lingüinha de fora, rodando nos calcanhares. E a turma ali, em volta! E tinha fresco pra mulher do Padilha, e tinha pipoca, e tinha sorvete, e tinha mão pra todo lado. Era mão na blusa, mão nos peitos, mão na bunda, mão na cintura, mão no meio das coxas, beijinhos no cangote, uma zorra total! E o Padilha ali do lado, firmão, mas todo encabulado.

Aí, um amigo do Padilha, não agüentando aquela situação vexatória do amigo, chegou para ele e disse:

— Padilha, por que você não deixou sua mulher em casa?

E o Padilha, mais que depressa:

— Ta doido, sô! Se eu deixo ela em casa, eles vão lá e comem ela!

* * *

O marido chegou pra mulherzinha e disse:

— O zelador me contou que nosso vizinho só faz sexo para ter filho.

"Nossa! Me fodi, estou grávida!"

Aqueles dois velhos amigos se encontraram na Cinelândia.

— Você por aqui?

— Que prazer, rapaz! Jamais poderia imaginar encontrá-lo aqui no Rio.

Ficaram naquele papo furado de matar saudade, quando um disse pro outro:

— Que tal um cafezinho pra comemorar este encontro?

E o outro respondeu:

— Cafezinho, de forma alguma! O café me tira dois terços da potência sexual.

— Dois terços?! Nunca soube disso!

— Ele me queima os dedos e me queima a língua...

* * *

Ela levou um choque, quando o padre lhe perguntou se ela queria se casar com órgão ou sem órgão.

— Mas é claro que quero com órgão! Pra que me casaria se fosse sem órgão?

* * *

— Sabe, Wilminha, vou me casar!

— Não diga?! Jamais imaginaria que você se casaria um dia, queridinha.

— É que já estou farta de homens!

* * *

Famoso por suas façanhas sexuais, o Alberto (Mineirão brabo, brabo no bom sentido da palavra), resolveu sair pelo mundo.

Aportou em Buenos Aires e foi direto para o puteiro, lá na Corrientes. Entrou numa das casas que já lhe haviam

recomendado, onde encontraria as mais gostosas putinhas portenhas.

— Quero a mais escolada de todas — pediu pra cafetina.

Foi lhe apresentando uma gostosinha, tipo mignon, exatamente como o mineirinho gostava. Os dois subiram as escadas, entraram no quarto e eis que, em poucos minutos, olha a portenha voltando, toda indignada, berrando:

— Jamás! No hay hipótesis!!! Ni pensar! Ni pensar! Que loco!

Mineirinho saiu meio decepcionado da Argentina e foi tentar Paris. Ele queria mesmo comer uma putinha que não fosse brasileira. Queria saber como era uma estrangeira. E as francesas, segundo fora informado, eram as mais perfeitas metedoras do mundo. Sabiam coisas do arco da velha.

Chegou no puteiro e foi também pedindo a melhor de todas. Estava disposto a pagar o que fosse preciso para comer uma putinha francesa.

Ele sobe pro andar de cima e é apresentado para uma garota totalmente nua, em pé, diante da porta de seu quarto.

Entram e não passam dois minutos e a francesinha enxota o mineirinho do quarto, aos berros:

— Jamais de la vie! Ni pensar! Qualé? Cette non, non fils!

E o mineirinho partiu para a Alemanha. Podia ser que lá ele tivesse mais sucesso. Chamou a mulherona nos peitos, e a bitela desceu lá do quarto, berrando:

— Achtung! Nien! Niet! Klein mot nit!

Depois foi à Itália. Não foi muito diferente:

— Fa catzo in culo, figliote de uma putana! Mai! Se mato!

E a inglesa não fez por menos:

— Fuck yourself! Got to take in the butt, bastard! Never! Never!

Aí o mineirinho viu que não tinha jeito. Um mês viajando pelo mundo e não deu uma só trepada.

Tão logo chegou na terrinha, o mineirinho correu pro puteiro e meteu gostoso. Nenhuma das garotas se fez de rogada.

— Sabe? — desabafou o mineirinho pra uma das putinhas. — Quando eu dizia pras putas que ia pagar em real, quase me matavam.

* * *

— Mas Manuel, por quem sois? Isto lá é nome de motel, onde as pessoas vão ouvir música e trepar, ô Manuel? Tu tens que pôr um nome significativo, que corresponda ao ramo do negócio que tens. Toma juízo, ô Manuel, senão tu vais a falência! Por isso é que não fazes negócio nenhum. Volta lá. Mudas para um nome apropriado e ficarás rico, homem, porque todo mundo precisa trepar. Mas a casa tem que ter um nome apropriado, entendeu?

Os dois se separaram e, alguns dias depois, o Joaquim é chamado à delegacia de polícia, com urgência. Chega lá, e quem é eu encontra? O Manuel.

— Que fazes aí, Manuel?

— Me prenderam.

— E por quê?

— Por culpa tua.

— Por minha culpa?

— Sim, pois não me sugeriste mudar o nome do motel?

— Claro, o pá. E que nome puseste?

— Motel Fados e Fodas!

* * *

Quis saber o filhinho:

— Mamãe, o que é que a vison-fêmea faz para ter um visonzinho?

E a mãezinha responde pro filhinho:

— O mesmo que fazem as mulheres que querem ter um vison.

* * *

Japonês chegou na zona e perguntou:

— Tem mulherzinha doente aí?

— Que isso, zapon! Neste puteiro só temos mulheres sadias!

E lá foi o japonês pra um outro puteiro:

— Zapon quer sabe se tem mulherzinha doente aí?

— Nada disso! Aqui só tem mulheres cheias de saúde.

Vê lá se vamos querer alguma doente!

— Então, tá!

Até que chegou a uma casa em que havia uma mulher perto da cafetina. E quando zapon fez a clássica pergunta, a mulher deu uma piscada para a cafetina. Afinal, não queria perder o freguês.

— Eu estou.

Zapon sorriu e foram os dois para o quarto, deixando a cafetina intrigada.

Depois da trepada, a moça começou a rir. Aí o japonês perguntou:

— Di que moça ta lindo?

E ela respondeu:

— É que eu disse pra você que estava doente e não estou coisa nenhuma.

Então o japonês falou:

— Mas zapon tá, né!

* * *

As duas amigas se encontraram. Uma delas havia se mudado recentemente. E a outra perguntou:

— Como é, você tem mantido boas relações com os vizinhos?

— Mais ou menos. Até agora mantive relações apenas com dois...

* * *

O cara chegou para o confessor e disse:

— Seu padre, comi um gato!

O padre ficou estarecido. Jamais ouvira alguém dizer uma heresia como aquela. Lascou cinqüenta padre-nossos no rapaz.

Uma semana depois, olha quem volta!

— Seu padre, eu não resisti. Comi outro gato.

— Mas confessa que você está arrependido.

— Estou, seu padre. Estou. Mas não resisti. Eu sou doido por um gatinho. Adoro, seu padre. É a maior tentação.

— Arrepende-se, meu filho! Resista à tentação!

E tome penitência. O cara foi embora e voltou uma semana depois:

— Seu padre, comi outro gato.

— Outra vez? Não é possível!

— Comi, seu padre. Confesso que comi. Eu não resisti.

— Mas é bom assim?

— Ai, seu padre, é a melhor coisa do mundo!

— Arrependa-se, meu filho! E nunca mais volte aqui com esse pecado mortal.

Uma semana depois:

— Seu padre, comi um gato.

— Ah, não é possível!

E aquilo durou meses. Até um dia que o padre não resistiu e falou para o rapaz:

— Escuta aqui, ô maluco, como é que você faz para comer o gato?

— Olha, seu padre! Eu pego o bichinho, levo para um canto da cozinha, dou uma paulada na cabeça dele, tiro a pele e faço assado no espeto. Como paca, seu padre... O senhor precisa ver eu sabor!

Nem acabou de falar. Quando ele viu, estava o padre na frente dele, danado da vida, falando:

— Ah, seu merda! É isso? E eu aqui, todo arranhado!

* * *

E o negrão, andando por um caminho deserto, achou uma velha lâmpada e esfregou. Não deu outra: apareceu o Gênio, que logo pôs-se a sua disposição para atender qualquer pedido seu. E o negrão não perdeu a oportunidade de ver realizado seus mais íntimos desejos:

— Quero ser branco, branco, e todos os dias ter uma bucatinha nova — ordenou, revirando os olhos.

E o Gênio o transformou num modess.

* * *

— Passei o maior vexame da minha vida — dizia um dos caras, sentado numa das mesas, bebendo com os amigos.

— O que aconteceu?

— Imagina que eu tava com um bruto tesão. Peguei uma revista pornô e fui pro banheiro e comecei a bater uma punheta numa boa.

— Mas todo mundo faz isso...

— Só que esqueci de trancar a porta e minha mãe apareceu.

— Tudo bem, cara. Será que sua mão não sabia que você batia sua punhetinha?

— Mas isso foi ontem, cara... foi ontem!

* * *

Noite sinistra — céu sem lua, nevoeiro, vento zunindo, frio, cachorro uivando. Diante dum sobradão sinistro, encontram-se dois indivíduos sinistros — um com cara de Drácula, outro com cara de Frankenstein. E o de cara de Frankenstein murmura com voz sinistra:

— E sua mulher, Drácula, como vai?

— Por que esse interesse, Frankenstein?

— Sabe que eu tenho um grande tesão por ela.

— Sim, sei. Já tinha reparado. Se estiver mesmo a fim dela, disponha. Ta lá em cima, no quarto...

E aponta para o sobradão sinistro, concluindo:

— Pode ir lá, não faço a menor questão de dividi-la com você, o meu melhor amigo.

E Frankenstein não conversa; sai correndo e some no sobrado sinistro. Drácula fica ali, todo sinistro, encostado no poste, esperando.

Meia hora depois, olha o Frankenstein de volta.

— Então, gostou? — pergunta-lhe Drácula.

— Grande foda, grande foda! Mas achei sua mulher um pouco fria...

— Tá na cara — respondeu Drácula. — Tá morta há três dias!

* * *

O castelo tinha fama de mal assombrado, por isso ninguém queria comprar. Mas a mulher de negócios, corajosa, viu a pinta de bom investimento e comprou. Comprou e mudou para lá, de olho na valorização. Na primeira noite, quando ela estava começando a se preparar para dormir, ouviu forçarem a porta do quarto.

— Quem é? — perguntou.

— Sou eu! — respondeu uma voz cavernosa. — O vampiro deste castelo.

— Que é que você quer? — disse a mulher corajosa.

— Quero chupar seu sangue!

A mulher corajosa consultou rapidamente seu cronógrafo eletrônico de pulso e respondeu:

— Ah, sinto muito, mas você vai ter que voltar daqui a quinze dias.

* * *

Já que estamos falando de coisas sinistras, tem mais aquela do vampiro mais velho, cansado, caminhando noite a dentro, olhando as latas de lixo colocadas junto às sarjetas.

Outro vampiro mais jovem, que acabava de chupar o sangue de uma virgenzinha, pára e pergunta para o velho e alquebrado vampiro:

— Então, vovô, o que está fazendo, abrindo essas latas de lixo?

— É, meu filho, estou vendo se encontro algum modess... usado.

* * *

No dia em que o Henrique nasceu, algo de anormal devia estar acontecendo com a junção dos astros. Crioulo desgraçado de horrível tava lá! Era a coisa assim pra monstro nenhum encarar. Se ele chamasse Frankenstein de irmão, juro como Frankenstein se ofenderia. Saca só: um olho fechado, e o outro quase caindo pra fora, de saltado;

um braço de macaco e o outro de bebê; uma orelha de abano (uma só, do outro lado, só o buraco); três ventas; três solitários dentões na frente; beijo caído; sem pescoço, de pernas curtas e tortas — e de quebra, uma corcunda enorme, pior que mochila de escoteiro. Trabalhava como lixeiro, mas era mais imundo que o lixo. Vivia sujo, esfarrapado, fedendo tanto que nem urubu se aproximava dele. Pois com tudo isso, quando o carro do lixo parava, ele se encostava no carro e ficava mexendo com tudo que era mulher: moças, velhas, bonitas, feias, pobres, ricas, brancas, pretas, japonesas, chinesas, dinamarquesas. Bastava que fosse mulher.

No que vinha vindo a mulher, o Henriquinho pulava em frente dela e caía matando:

— Quer levar pra casa uma absoluta novidade, minha senhora? Aproveite!

Nos dias de inspiração mais viva, atacava de poeta surrealista:

— Têm poucos como eu na praça, minha deusa! A senhora nem imagina o que está perdendo! Me leve consigo, meu amor! Eu sei de coisas que até o Diabo duvida! Eu sou original, querida! Não quer aproveitar o mal acabado? Não tem dois iguais. Deus me fez e quebrou a forma!

Não se pode negar que o mal acabado tinha imaginação!

Um dia, vendo uma daquelas exposições, um colega não se agüentou e foi estourando:

— Ô, Henricão, tu tá maluco, tá, negão? Tu não saca nada, não? Mora: um olho fechado e outro pulado; um braço comprido e outro curto; só uma orelha, e ainda de abano; três ventas, três dentes, beijo pendurado, sem pescoço, pernas tortas e uma puta corcunda... você acha que no mundo alguma mulher vai te dar bola, negão? Tu vais morrer virgem, irmão!

E o Henriquinho piscando seu único olho aberto:

— Num tem nada, não! Pode pintar uma tarada por aí, né. Oi nós lá!

* * *

O Julinho, aquele mesmo, já manjaram, né? Pois é, o Julinho estava naquela festa selecionadíssima, em casa de amigos dos pais, quando sentiu o clássico aperto — aquele do não-dá-mesmo-para-segurar. Sem cabeça pra mais nada, viu a mãe bebericando champanhe e mordiscando caviar numa roda de convidados e pediu socorro, aos berros:

— Manhêê! Quero cagáááá!

Foi um vexame só. Toda ruborizada, a mãe deixou a roda, levou o desgraçadinho pro banheiro e repreendeu-o com muito jeito (moleque moderno tem que ser tratado com jeito, senão fica frustrado e vira bicha!):

— Coisa mais feia, queridinho! Nunca mais faça isso! Outra vez, fale com mais educação, seja discreto! Por exemplo, você pode chegar pra mamãe e dizer: Mamãe, eu quero colher uma flor! A mamãe entende, leva você, e ninguém fica chocado! Tá, meu bem?

— Falou, mãe, to sacando! — concordou Julinho, cordato por estar se livrando do aperto.

Semana depois, outra festa mais selecionada ainda. Tinha até Ministro e a mãe numa roda ainda mais requintada, podre de chique. De novo deu aperto no Julinho, que abriu o bocão!

— Manhêê! Quero...

Nessa hora, ele lembrou do vexame anterior, e emendou logo:

— Mamãe! Eu quero colher uma flor!

Toda orgulhosa, a mão se abaixou, beijou o anjinho na testa e, ao pé do ouvido, explicou-lhe onde ficava o banheiro.

— Vai, filhinho! Vai!

Julinho foi. Abriu a porta, espiou dentro e berrou lá de longe:

— Manhêêê! Puta que pariu! Como é que posso colher a porra da flor, se não tem papel higiênico nesta merda pra eu limpar o cu?

* * *

Em la Plaza de Todos, estava la muchedumbre (ou seja, uma multidão de espanhóis), assistindo a la torada. Estava todo mundo eufórico, vendo o toureiro encher o saco do touro com a capinha vermelha e as bandarillas, quando se levantou um camarada lá no meio da torcida: será que la muchedumbre de la torada é torcida? E se for: será que tem torcida do touro e torcida do toureiro? — pois o cara esquisito se levantou e gritou bem positivo, pra quem quisesse ouvir:

— Me cago en la cabeza del toro y en la cabeza del torero!

A turma do senta-senta pôs a boca no trombone, e o cara, em vez de sentar, gritou ainda mais alto:

— Me cago en la cabeza del toro, en la cabeza del torero e en lá cabeza de todos usteds — menos en la cabeza de aquel señor de blanco, que está sentado acá en mi frente!

Protestos de todos os lados. Confusão. Chamam la policia, que baixa o cacete — e o cara lá, firmão.

— Me cago en la cabeza del toro, en la cabeza del torero, en lá cabeza de todos usteds y en la cabeza de la policia — menos en la cabeza de aquel señor de blanco, que está sentado acá en mi frente!

O negócio foi chamar o chefe do policiamento e encanar a peça, antes que a coisa engrossasse ainda mais. E mais aumentava a confusão, mais ele ficava histérico e gritava ainda mais alto, para que todos escutassem:

— Me cago en la cabeza del toro, del torero, de todos usteds, de la policia, del jefe de la policia, del portero de la Plaza de Toro, del director de la Plaza de Toros y del señor Ministro de la Justicia — menos en la cabeza de aquel señor de blanco, que está sentado acá en mi frente!

Assim, o camarada ia aumentando cada vez mais sua lista, ficando cada vez mais furioso — só livrando a cara del señor de blanco que estava a su frente. Resolveram prendê-lo — foi todo o mundo pra delegacia, sem perdoarem nem

el señor de blanco, que achou melhor ir junto; afinal —
dizia ele — era ali a única pessoa que o gritador respeitava.
E lá se foi o povo pra jefatura de la policia.

O comissário intrigou-se com tanta gente.

— Afinal, o que há? — perguntou.

O gritador deu um passo à frente:

— Hay que yo, como estava diciendo, me cago en la cabeza del toro, del torero, de la muchedumbre de la Plaza de Toros, del portero de la Plaza de Toro, del director de la Plaza de Toros, de la policia, del jefe de la policia, del señor Ministro de la Justicia, de los señores deputados, de sus dignissimas mujeres y me cago em su cabeza, señor comissário — menos en la cabeza deste señor de blanco, que me hizo la gentileza de venir hasta cá!

— E porque o senhor livra a cara de este señor de blanco? — perguntou o comissário.

— E o gritador explicou:

— Es que este yo há reservado para limpiarme el cu!

* * *

O desgraçado do papagaio só falava palavrão, e o dono, de raiva, arrancou o rabo dele. Daí, todo o dia, passava pelo papagaio uma moça que dizia, só de maldade:

— Alô, papagaio do cu pelado!

Todo dia isso. E o papagaio quieto, na sua. Mas um dia, a moça passou lá com o namorado e maneirou. Só disse:

— Alô, papagaio!

O papagaio estranhou e reclamou logo:

— Ué, minha nega! Hoje você esqueceu o cu pelado!

* * *

A turma estava toda reunida no botequim para aquela famosa cervejinha de fim de tarde, quando um deles comentou:

— Ei, pessoal, o Zé vem vindo aí. Ele está chegando da lua-de-mel. Vamos fazer uma gozação com ele.

— Vamos! — concordaram todos.

O Zé chegou, sentou-se na cadeira que alguém empurrou para ele e ficou bebericando também. Silêncio total. E o Zé ali, meio sem graça, esperava aquela famosa perguntinha. E ela não demorou muito.

— E, então, Zé — perguntou um dos presentes. — Tudo bem?

— Tudo bem — respondeu o Zé, desviando a vista dos amigos.

Daí, a gozação começou:

— Na minha noite de núpcias, dei dez trepadas.

— Eu dei sete. Minha mulherzinha foi sensacional. Também, com o pai aqui...

— Eu trepei quinze vezes — disse o terceiro. — Foi uma trepação só.

— Eu fodi onze vezes — diz um quarto.

— E você, Zé, quantas vezes trepou? — perguntou o primeiro, que havia começado a gozação.

— Trepei uma vez só — disse o Zé com simplicidade.
— A Anita não tinha prática...

* * *

O cara era malandro de carteirinha. Quando via um rabo de saia, não deixava por menos: dava em cima. Foi o que aconteceu naquela manhã. Ele estava dando volta com seu carro, quando viu a garota sentada no banco da praça. Parou o carro e, com aquele jeito de quem não quer nada, começou a andar pelo jardim, aproximou-se do banco em que a mulher estava sentada e foi logo puxando conversa. Começou com aquele negócio do tempo e foi avançando. Lá pelos quinze minutos, olha ele falando pra ela:

— Dez reais se deixar eu pegar na sua mão.

— Aceito.

Ele pegou naquelas mãozinhas sedosas. Acariciou-as e olhou para o braço desnudo até em cima (a blusa era do tipo manga cavada).

— Mais dez se deixar eu alisar seu bracinho.

— Tudo bem.

Ele alisou. Olhou pros peitinhos. Deviam ser deliciosos, mas não quis assustar a garota.

— Mais dez por um abraço.

— Tá bem.

A cada consentimento, ele ia pagando e a garota guardando o dinheiro na bolsa sobre o seu colo.

— Mais dez por um beijinho no seu pescoço.

— Tá bem.

Ela ergueu o cabelo para desnudar o pescoço e facilitar o beijo.

O cara deu aquele beijo, aquela chupada.

— Cem reais se deixar lhe dar um beijo na boca.

— Pode dar — enquanto falava, estendeu a mão e o cara depositou, na mãozinha sedosa da mocinha, as cem pratas prometidas.

Ele caprichou no beijo e ela até ajudou, correspondendo.

Foi, então, que ele ousou mais um pouco:

— Mais cem se me deixar apalpar seus peitinhos.

A moça estendeu a mão. Ele pôs a cédula na mão. Depois, para ajudar a tarefa, a mocinha desabotoou a blusa e ele apalpou, primeiro um, depois o outro seio, durinho, durinho.

E ele começou a ficar cada vez mais excitado.

— Quinhentos reais, se me deixar colocar a mão entre suas coxas e apalpar sua calcinha.

Mão estendida. As cinco cédulas de cem reais foram colocadas na bolsa. Ela descruzou as pernas para facilitar a bolinação.

Febril, ele acariciou as coxas quentes da jovem. Subiu a mão até alcançar a calcinha. Alisou-a e afundou os dedos na bucinha. Estava úmida. Aí ele não resistiu:

— Mais quinhentos se me deixar enfiar o dedo na sua bucinha.

E o dinheiro foi logo guardado na bolsa. E o dedo deslizou para o interior da calcinha e, dali, para a bucinha. Enfiou lá dentro, cutucou, cutucou.

— Quanto você quer para me dar? Quanto? Quanto?
— perguntou ele, febril pelo desejo que lhe corroia as entranhas.

E a garota:

— A tabela: cinqüenta reais...

* * *

O cara chegou pro médico e contou:

— Doutor, estou casado há uma semana e ainda não consegui me relacionar com minha esposa. Ela continua virgem.

— Olhe — disse o médico, passando uma receita. — Compre a vaselina Marca Lisa. É tiro e queda.

Um dia depois, o homem volta e se queixa:

— Não deu certo, doutor.

— Então o caso é mais sério do que pensei, — E passou uma nova receita. — Olhe, use esta, Super Lisa. Essa vai dar resultado.

Olha o cara, voltando no dia seguinte:

— Nada, doutor.

— Este é o último recurso. Use Super Lisa Liquida. Encha uma caneca com ela e deixa o pênis lá por uns dez minutos. E agora tem que dar certo.

Mas, no dia seguinte, o cara chegou, mais desanimado do que nunca.

— Não vai me dizer que não deu certo? — foi logo perguntando o médico.

— Digo, doutor. Não deu certo.

— Mas como? — perguntou o médico.

— Não, mesmo, doutor. O pênis não entrava na caneca...

* * *

— Sabe qual é a ave mais infeliz do mundo? —
perguntou, um dia, o Julinho, na aula de zoologia.

— Não — respondeu a professora, até admirada da
aplicação do malandrinho.

— É o pinto, professora.

— Por quê?

— Porque dorme em cima do pau; a mãe é uma galinha
e o pai trepa com o rabo.

* * *

Outra do Julinho.

— Sabe por que Papai Noel não tem filhos?

— Não... de certo porque não é casado?

— Não. É porque ele tem um saco de brinquedo...

* * *

O Julinho tem um irmãozinho. Outro dia, ele chegou pro irmão e perguntou:

— Quer apostar como eu faço a vovó apitar como um trem?

— Não faz.

— Faço e posso provar isso.

E foi até a avó e perguntou:

— Vovó, há quanto tempo a senhora não trepa com o vovô?

A velha, estalando os dedos, respondeu:

— Chiiii...

* * *

E para encerrar, tem aquela história da carochinha.

Um dia, Pinocchio foi visitar Branca de Neve, que já estava há um tempão lá na casa daqueles anõezinhos e a pobrezinha andava com um tesão como ela só. Então Pinocchio e a Branca de Neve ficaram rolando no sofá,

depois no tapete. E foi uma tristeza para a pobrezinha da Branca de Neve. Ela descobriu que o Pinocchio não ganhava nem mesmo do Soneca. Tinha um pintinho deste tamaninho.

Aí, Branca de Neve ficou muito triste, pensando que só mesmo ia ser feliz no dia em que chegasse o Príncipe Encantado, com sua cueca bem recheada. Mas, muita da necessitada, ,ela de repente, teve uma idéia. E, quando os anões chegaram, puderam ouvir, lá do quarto, Branca de Neve dizendo aflita pro Pinocchio:

— Pinocchio, conta uma mentira. Agora, uma verdade. Agora, uma mentira, uma verdade, uma mentira, uma verdade, uma...

L P Baçan - O Mago das Letras

- 1975: escreveu e publicou seu primeiro livro de bolso, a novela Uma Tese para o Amor, pela Editora Cedibra, Rio de Janeiro, passando, daí, a escrever mensalmente novelas por encomenda para essa e outras editoras.
- 1985: teve 11 letras incluídas no LP Saudação ao Mato Grosso, da dupla Estudante & Caminhoneiro.
- 1986: teve 6 letras incluídas no LP Oração de Um Caminhoneiro, da mesma dupla.
- 1991: participou da Coletânea do I Concurso Nacional de Literatura da FENAE, com um conto premiado em 1º lugar.
- 1994: participou da Antologia Os Poetas, do V Concurso Helena Kolody de Poesia, Governo do Paraná, Curitiba – PR.
- 1995: traduziu a obra El Contuberneo Judeo-Maçónico-

Comunista, de José Antonio Ferrer Benimelli, em 2 volumes intitulados Maçonaria & Satanismo, para a Editora "A Trolha".

1996: publicou a novela rural Sassarico, sobre o fim do ciclo do café, início da rotação de culturas (soja e trigo) e surgimento dos bóias-frias e editou os livros Vida Minha, de Emília Ramos de Oliveira (biografia) e Círculo Vicioso, de Arlene Cirino de Oliveira.

1997: participou da coletânea Poema, Poesia... Maçom, Maçonaria, organizada por Mário Cardoso para a Editora Arte Real.

1998: publicou o livro de poemas Alchimia.

1999: publicou o livro Redação Passo a Passo e editou o livro URAÍ - Nossa Terra, Nossa Gente, 2 volumes, de Emília Ramos de Oliveira.

2000: teve 2 letras incluídas no CD Nosso Negócio É Cantar, da dupla Márcio Rogério & Luciano e 3 letras no CD Mais, do cantor Cícero de Souza. Publicou, neste ano de 2000, Brincando nos Caminhos do

Senhor, revista infantil cristã, Editora e Gráfica Cotação da Construção, Londrina – PR.

2001: editou e prefaciou o livro Templários, de Lori Andrei Perez Baçan.

2002: foi o autor da letra do hino da Loja Maçônica Londrina, em parceria com o músico Wilmar Cirino.

2004: organizou, editou e participou do livro I Antologia do Portal "Cá Estamos Nós".

2006: organizou, editou e participou do livro II Antologia do Portal "Cá Estamos Nós".

2007: publicou os livros A Sabedoria dos Salmos, A Sociedade Secreta dos Templários e O Livro Secreto da Maçonaria, pela Universo dos Livros Editora Ltda.

2010: publicou os livros Manual da Futura Mamãe, Quem Disse Que Cozinha Não é Lugar de Homem e Receitas Naturais pela editora Universo dos Livros. Editou o livro de contos Solidariedade, do autor baiano João Justiniano da Fonseca. Produziu, dirigiu e apresentou uma série de 7 (sete) programas radiofônicos Vila das

Artes, na Rádio Boa Nova FM, de Pérola, PR, sobre literatura atual.

2012: traduziu, editou e publicou o livro A Origem do Satanismo na Maçonaria, de Arthur Edward Waite.

2013: traduziu, editou e publicou em formato eletrônico os livros Carmila, de J Sheridan LeFanu, e Teoria da Esgrima a Cavalos, de Alex Muller, Anjos, o Caminho de Volta, Os Olhos do Carrasco, Novelas de Terror (Volumes I e II) E Novelas Policiais (Volumes I a 7), pela Lulu Press, Inc.

1975 até hoje escreveu mais de 700 livros, publicados em sua maioria em formato de bolso, sobre os mais diferentes assuntos, como: romances, erotismo, palavras cruzadas, charadas, passatempos, literatura infantil, passatempos infantis, horóscopos, esoterismo, simpatias populares, rezas, orações, intenções, anjos, fadas, gnomos, elementais, amuletos, talismãs, estresse, manuais práticos, religião e outros livros de bolso com os mais diversos temas e letras para

músicas. Já editou em formato eletrônico mais de 1000 títulos, entre publicações individuais e antologias, de autores de Língua Portuguesa e Espanhola.

Publicou ao longo dos últimos 40 anos poemas e contos em jornais de circulação regional. Ultimamente, Tem traduzido e editado livros eletrônicos e empenhado em editar todos seus títulos em formato eletrônico.

www.acasomagodasletras.net